

NEOLIBERALISMO DEPOIS DE THATCHER

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 27/01/91

Depois do fracasso econômico dos regimes comunistas e da revolução democrática no Leste Europeu os neoliberais e os conservadores em geral entraram em clima de euforia. É o triunfo do capitalismo, afirmaram, é o mercado que revela definitivamente sua superioridade econômica sobre o Estado. O capitalismo, ao contrário do estatismo, já havia demonstrado ser compatível com a democracia. Agora ficava provado que é também o melhor sistema para levar as nações à eficiência e ao desenvolvimento. É dentro desse clima que Jerry Muller, em um artigo para *Commentary* (1988), depois de resenhar todas as análises que no último século prediziam o fim do capitalismo - análises nesse sentido inclusive de alguns de seus defensores mais convictos, como Joseph Schumpeter - concluiu que "longe de estar no seu leito de morte, o capitalismo - com todos os seus problemas e todas as suas promessas, e toda a multiplicidade de suas formas - parece cada vez mais a onda do futuro, que uma vez se imaginou que seria o socialismo".

É claro que o capitalismo não está no seu leito de morte. Mas identificá-lo com a "onda do futuro" é pura euforia sem sentido. Nessas manifestações há componente ideológico simplista, que teve sua expressão talvez mais bem sucedida do no artigo de Fukuyama sobre "o fim da história", em *The National Interest* (1989). Não há mais esquerda, nem mais direita, não há mais ideologia, o tempo das utopias passou. Depois do capitalismo, o próprio capitalismo. Antes, hoje e sempre será o mercado. Liberada do Estado, a competição individualista, ao invés da cooperação ou da ação coletiva, regulará nossas economias, nossas vidas, nosso destino.

Se este foi o clima que, em 1989, coroou os anos 80, em meio à revolução democrática na Europa Oriental. Já 1990 terminou em um clima bem diferente. *The Economist*, que mais celebrava o "triunfo", agora fala em "hard times", referindo-se à recessão americana. O símbolo da nova direita neoliberal, do individualismo de mercado - Margaret Thatcher - sofre uma derrota infligida, em última análise e significativamente, pela Comunidade Econômica Européia, onde tecnocratas constroem um Estado forte e ativo, combinando mercado com regulação de maneira cada vez melhor sucedida. Nos Estados Unidos, por sua vez, a reavaliação dos oito

anos de neoliberalismo populista de Reagan, realizada depois de sua saída do governo, é contristadora. Os anos de "prosperidade" foram construídos a partir de do déficit público e da dívida externa, da estagnação dos salários, do aumento da pobreza, da concentração de renda.

Avaliados os anos 80, o verdadeiro êxito econômico ficou para a Europa e para o Japão, que possuem economias orientadas para o mercado, que são competitivas interna e externamente, mas que são coordenadas de forma mista, pelo mercado, pelas instituições (corporativas) da sociedade civil e pelo Estado.

O grande fracasso ficou para o estatismo de tipo soviético, que a perestroika não logrou reformar, e para o capitalismo do tipo latino-americano, subordinado, endividado, marcado por uma crise fiscal do Estado sem precedentes. Ficou para o estatismo - impropriamente chamado de socialismo ou de socialismo real - e para o capitalismo periférico, nos quais o Estado cresceu de mais, endividou-se, tornou-se vítima de uma crise financeira generalizada e profunda, e imobilizou-se, deixando de ser um agente do desenvolvimento para se transformar em grave obstáculo.

Mas o fracasso ficou também para os neoliberalismos inglês e norte-americano, que não souberam perceber que embora a intervenção do Estado deva ser limitada e controlada, não se pode pretender eliminá-la nem enfraquecer o Estado. Reagan, mais através da retórica do que de ação efetiva, e Thatcher, mais conseqüente, combinando retórica e ação, tentaram caminhar sem êxito em direção ao Estado mínimo. Ao contrário das social-democracias européias e do indefinível regime japonês, seu neoliberalismo impediu-os de ver que as instituições corporativas da sociedade civil, representando interesses particulares de determinadas coletividades trabalhadoras e empresariais, muitas vezes substituem com vantagem a tanto a regulação do Estado e quanto a do mercado ao realizarem acordos entre si freqüentemente sobre a égide do Estado. E que a regulação do Estado, embora sempre sujeita a sair ela própria fora de controle porque carente de elementos auto-reguladores, é indispensável para suprir as falhas do mercado quando se trata de regulação macroeconômica, de desenvolvimento tecnológico, de redução da desigualdade social e de defesa do meio ambiente. Não há dúvida que as falhas do Estado são também graves, mas o desafio das sociedades democráticas consiste precisamente em construir mecanismos razoavelmente flexíveis que corrijam essas falhas.

Margaret Thatcher tinha a coragem e a determinação dos estadistas, mas seu radicalismo ideológico não lhe permitiu recolocar a Grã-Bretanha no caminho do desenvolvimento. Ela percebeu que o Estado britânico estava inchado, que a indústria perdera competitividade, que os sindicatos haviam assumido poderes excessivos. Lutou com firmeza e coragem contra tudo isso. Mas deixou-se levar por um neoliberalismo ideológico e vazio, que prega o Estado mínimo, que não percebe que a coordenação das sociedades modernas tem que ser feita através de uma combinação de mercado e Estado. Em conseqüência, revigorou em um momento a economia, ao

torná-la mais competitiva, mas afinal deixou o governo de seu país com a economia novamente em crise, a inflação subindo e as desigualdades sociais consideravelmente aumentadas. Ela e seus companheiros neoliberais não compreenderam que, conforme nos lembra Galbraith em um recente artigo para *The New York Review of Books*, o sistema econômico bem sucedido na Europa e no Japão não é o capitalismo primitivo, mas "uma ainda imperfeita democracia social", no qual o mercado é profundamente modificado pela regulação econômica e social do Estado.